**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

**ECA/USP**

**Tem mulher que gosta #sóquenão:** uma campanha de conscientização acerca do assédio moral e sexual

Desenvolvimento de projeto de comunicação social como requisito de avaliação da disciplina de Comunicação digital e novas mídias da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo ministrada pelo Prof. Dr. Artur Matuck.

Flavia Saraiva

Juliane Duarte

Leandro Bonizi

Marcelo Garcia

**São Paulo, 2013**

**Sumário**

 **Conceito** 03

 **Justificativa** 03

 **Contexto Histórico** 04

 **Fundamentação Teórica** 05

 **Resultados e Discussões** 07

 **Conclusão** 09

 **Referências** 10

**Conceito**

 Tem Mulher que Gosta #sóquenão é uma campanha de comunicação que tem por preceito básico a CONSCIENTIZAÇÃO sobre o assédio sexual que se dá na sociedade contemporânea. Queremos com ela, por uma abordagem cômica e irônica construir no público masculino a ideia do quão ofensivo e machista pode ser o mais simples dos atos que estão tão arraigados no nosso modo de vida.

**Justificativa: porque fazer?**

 O crescente e alarmante número de casos de estupro no país causa cada vez mais indignação na população. No Brasil, em 2012 o número de estupros superou o de homicídios dolosos. O número de casos de violência sexual aumentou de 22,1 para 26,1 para cada 100 pessoas. A esse fato soma-se a grande tendência da opinião popular machista em transformar o oprimido em opressor, resultado: hoje uma mulher tem de pensar duas vezes ao sair de casa, temendo sempre pela sua integridade física, isso se reflete, sobretudo na maneira em como a mulher veste e se porta, cerceando o livre abrítrio.

 Além de tudo o mais dito, o estupro é uma prática criminosa com pena prevista de 6 a 10 anos em regime fechado com agravantes que podem levar o agressor a ficar recluso por mais de 30 anos. Segundo a lei n°12.015 de sete de agosto de 2009 o estupro é definido por: Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.

 Nota-se uma clara necessidade de reeducação do processo de formação do pensamento acerca do assédio sexual que leva muitas vezes ao estupro e à agressão contra o sexo feminino. Ademais, toda conquista e direito gozado pela sociedade atual é fruto de intensa luta e militância em tempos passados, façamos então nossa parte.

**Contexto histórico**

 O movimento feminista foi e ainda é a principal instauração dos direitos da mulher, sejam eles políticos, sociais ou plenamente pessoais. Desde o começo do século passado ganha força, soma braços e trás conquistas de marco: do voto ao poder sobre o próprio corpo.

*“O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo”* Céli Pinto

Surgido nos Estados Unidos da América em meados de 1910, o movimento autocrítico em questão teve como vanguarda as mais diversas figuras das áreas das humanidades e desde lá gera todo o tipo de conteúdo de conscientização. Poder político, igualdade entre os sexos, igualdade de escolha sexual, liberdade de pertencimento próprio, cuidando de seu próprio corpo.

 De 1960 em diante, o rumo do movimento entra num entrave, sendo muito diferente principalmente no cone-sul da América e nos países desenvolvidos do mundo. Em tempos de guerra fria, os temores do comunismo deixam perplexos os americanos que, por meio de políticas externas apoiam vivamente políticas totalitárias de direita. Enquanto isso, a guerra do Vietnã eclode e juntamente com ela, no contexto americano paradoxalmente surge o movimento hippie, pregando o total desapego as normas sociais vigentes, o que incluía a guerra.

 Este contexto foi extremamente favorável para o crescimento da consciência enquanto movimento para o feminismo dentro dos EUA, mas terrivelmente desprivilegiado na América Latina. No Brasil, por exemplo, a partir do golpe de 1964 e o decreto do AI n°5 em 1968 qualquer tipo de manifestação de cunho feminista tendeu a ser vigorosamente reprimida por representar desordem social.

 Porém, a partir da redemocratização do país e com a eleição de governos com tendências de esquerda o movimento ganhou mais força e de certa forma um pouco mais de liberdade política. Mesmo estando ainda longe de uma situação que possa chamar-se ideal hoje já é possível notar algumas das vitórias: delegacias específicas para casos referentes ao mau trato da mulher, legislações mais duras (lei do estupro, lei Maria da Penha), organizações do terceiro setor voltadas às mais diversas causas, secretarias com poder de ministério (Secretaria de Políticas para Mulheres).

**Fundamentação teórica**

Muitos não têm consciência de como a violação afeta a sociedade em todos os aspectos. A simples existência dessa realidade já altera o comportamento no dia a dia das mulheres, reduzindo a liberdade, as afetando psicologicamente. Depois do homicídio, a violação sexual é o crime mais temido e, conforme o estudo realizado por SoftasNall e col. (1995), o medo por ele chega a ultrapassar o do homicídio.

 Esse medo, definido como "famele fear", pode afetar as potenciais vítimas de um modo que reduza as oportunidades, sendo um obstáculo à igualdade entre os gêneros.

*"A ameaça do crime, nomeadamente da violação, parece operar como um instrumento de controle social” (BERTA, ORNELAS, MARIA, 2006)*

 Assim sendo, o problema deve ser encarado como social, e para resolvê-lo não deveríamos nos ater ao estudo psicológico do agressor e na ajuda aos traumas sofridos individualmente pelas vítimas. Poderíamos erroneamente atribuir alguns traços comportamentais de algumas mulheres que vivem sob esse medo, concretizado ou não, de desequilíbrio emocional. Mas esse seria um caso de desviar para o individual um problema que afeta toda a comunidade com raízes sociais e histórias. "O receio sentido é, efetivamente, um fenômeno racional, resultando não só dos antecedentes e experiências pessoais das mulheres, mas da experiência que pertença ao gênero feminino como grupo social" (BERTA, ORNELAS, MARIA, 2006)

 Mesmo qualquer desequilíbrio psicológico ou emocional não é inerente ao gênero ou à pessoa. É resultado de um trauma sofrido. Para se citar um exemplo, “No início da década de 70 a pesquisa foi feita por duas feministas nos Estados Unidos (Burgess & Holmstrom, 1972). Elas concluíram que os efeitos da violação, da violência doméstica e do abuso sexual são de fato os mesmos que os encontrados em sobreviventes de guerra." (SLEGH, 2006)

 A analogia mostra quão grave a violência doméstica deve ser considerada, e nos dá uma ideia a respeito da gravidade dos efeitos da violação sexual.

 Um grande obstáculo ao combate a essa doença social é que ela possui seu próprio antídoto: traumas psicológicos muito fortes nas pessoas faz com que as vítimas tenham dificuldades em transmitir às outras pessoais, o que seria essencial ao combate ao crime. "A reação mais comum perante as crueldades da vida é bani-las para fora da consciência. Um engenhoso sistema de defesa psicológica de negação e silêncio são estratégias de sobrevivência para tentar esquecer e não colocar em palavras o que é considerado demasiado cruel para existir na vida humana. O conflito entre manter o silêncio e a vontade de gritar a sua dor é inerente ao trauma psicológico." (SLEGH, 2006)

 Para isso, a comunicação surge como uma poderosa arma nessa luta, e é através dela que nós vamos fazer a nossa parte, e de forma simétrica. Assim, estaremos fazendo muito mais que ajudando as vítimas e ajuda a punir agressores, mais contribuindo com o desenvolvimento da sociedade como um todo. Encerramos com a afirmação de que o abuso altera o sentido da condição humana. E devemos pensar na pergunta reflexiva: "How would your life be different if rape were suddenly to end?" (BENEKE, 1982)

**Resultados e discussões**

A campanha em questão ‘’Tem Mulher Que Gosta #sóquenão” ficou no ar desde 18/11 até a presente data de análise de resultados; 21/11/2013.

Em números:

* 200 opções curtir
* 10 publicações
* Média de 264 visualizações por postagem
* Máxima de 373 visualizações

Por postagem:

* **Alteração da foto de capa -** <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=538179246260039&set=a.538013439609953.1073741827.538011482943482&type=1>

314 visualizações e cinco curtidas

* **Não agüento quando**

<https://www.facebook.com/temmulherquegosta/posts/538228122921818>

351 visualizações e 8 curtidas

* **It’s your fault**

<https://www.facebook.com/temmulherquegosta/posts/538188329592464>

337 visualizações e 14 curtidas

* **Notícia – Calcinha anti estupro**

<https://www.facebook.com/temmulherquegosta/posts/538228122921818>

360 visualizações, seis curtidas e um comentário

* **Chega de Fiu-Fiu**

<https://www.facebook.com/temmulherquegosta/posts/538665409544756>

373 visualizações, quinze curtidas e cinco comentários

* **Foto “que delícia heim”**

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=538708292873801&set=a.538708289540468.1073741828.538011482943482&type=1>

136 visualizações e cinco curtidas

* **Debate sobre as cantadas – e por que ele não pode parar**

<https://www.facebook.com/temmulherquegosta/posts/538826979528599>

141 visualizações e seis curtidas

* **Não da pra brincar de roleta russa**

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=538906439520653&set=a.538708289540468.1073741828.538011482943482&type=1>

162 visualizações e onze curtidas

* **Notícia – estupro cresce 18% no Brasil**

<https://www.facebook.com/temmulherquegosta/posts/539051146172849>

90 visualizações e cinco curtidas

* **Project Unbreakable**

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=539107586167205&set=a.538708289540468.1073741828.538011482943482&type=1>

104 visualizações, quatro curtidas e dois comentários

* **Project Unbreakable – versão masculina**

<https://www.facebook.com/temmulherquegosta/posts/539172072827423>

180 visualizações e uma curtida

O conteúdo postado diariamente mostrou-se contundente para o debate que tínhamos como proposta, ou seja, a conscientização acerca da vulnerabilidade emocional gerada em quem sofre assédio moral ou sexual. Podemos ir mais longe ao dizer que a conversa se ampliou e terminou por abordar temas mais abrangentes, tais como estupro masculino, crescimento da violência sexual no país e liberdade corporal feminina.

 Mesmo sendo uma página nova tiramos resultados satisfatórios, sobretudo sem investimento algum, 200 likes em quatro dias e bom alcance de visualizações. Acreditamos que nossa abordagem cômica e irônica foi um fator favorável para resultado positivo.

 Outra pauta deve ser levada em questão aqui: para o público com o qual nos comunicamos, certamente enfrentamos grande concorrência de páginas mais maduras com maiores alcance e repercussão. (Revolução com Fofura – 5300 likes; Moça, a culpa não é sua; Feminismo sem Demagogia – 58 mil likes; Moça você é machista – 230 mil likes). O sucesso das páginas citadas e a média de 50 curtidas por dia em nossa campanha sugere que o tema é atrativo e que se dermos continuidade há chances de contribuirmos cada vez mais com o debate acerca do assédio sexual.

**Conclusão**

Concluímos aqui que nosso projeto foi fruto de inspiração social, o estupro, o machismo presente nas mínimas atitudes. Os direitos e segurança da mulher são de fato temas em crescente discussão. Fomentando a página durante quatro dias obtivemos resultados por nós considerados surpreendentes. Fomos capazes desenvolver própria identidade visual e fazer bom uso do já instaurado jargão #sóquenão.

 Contudo, com o devido investimento na página, desenvolvimento de campanhas específicas e integrando outros tipos de comunicação teríamos certamente mais alcance, visibilidade, nos tornando quem sabe uma referência nesta luta.

**Referências**

BERTA, ORNELAS, MARIA - Sobreviver ao medo da violação: Constrangimentos enfrentados pelas mulheres, 2006

PINTO, CELÍ REGINA J. – Feminismo história e poder – Revista de Sociologia e política V. 18, n°36 15-23 jun 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>

SLEGH, H. - Impacto psicológico da violência contra as mulheres, 2006

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/11/numero-de-estupros-no-pais-supera-o-de-homicidios-dolosos-diz-estudo.html>

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/04/02/interna\_brasil,357919/registros-de-estupro-aumentaram-168-em-cinco-anos-no-brasil.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/04/02/interna_brasil%2C357919/registros-de-estupro-aumentaram-168-em-cinco-anos-no-brasil.shtml)